

SHA - CÂMARA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, HUMANAS, LETRAS E ARTES (PÔSTER)

NOME: SHIRLEY DE LIMA FERREIRA

TÍTULO: PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO: DAS FAMÍLIAS DAS ELITES ÀS FAMÍLIAS DAS CAMADAS POPULARES

AUTORES: SHIRLEY DE LIMA FERREIRA, SIMONE OUVINHA PERES

ORIENTADOR:

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): -

PALAVRA CHAVE: FAMÍLIA; ESCOLA; CLASSE; TRAJETÓRIA ESCOLAR.

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa exploratória acerca da relação família-escola que tem por objetivo compreender os modos como esta relação se articula na estratificação social que caracteriza a sociedade brasileira, e se detém sobre alguns aspectos da sociologia de Pierre Bourdieu (1994; 2004; 2005; 2011) atinentes à relação família-escola, em pesquisas que tem validado os conceitos deste autor para o contexto brasileiro, como os trabalhos de Maria Alice Nogueira e colaboradores (2000; 2002).

Assumimos como hipótese que diferentes relações das famílias com a escola são instituídas conforme a pertença objetiva de classe da família de origem. A trajetória escolar empreendida por um membro da família está associada à trajetória biográfica de seus antecessores, mas tal percurso em devir não está fadado à mera reprodução – cada um se singulariza em sua trajetória (Bourdieu, 2011). Assim, dentre sujeitos oriundos das camadas populares, existem aqueles que empreendem trajetórias cuja marca é a mobilidade; são trajetórias ascendentes em campos específicos de produção, à medida que, em relação à família de origem, novas posições são ocupadas no espaço social pelos membros da geração atual.

Para Pierre Bourdieu, as formas de adquirir conhecimento neste campo primário da socialização, a família, perduram nas maneiras de usar o conhecimento. As famílias das elites outorgam aos seus membros capitais – econômico, social, cultural – no âmbito das relações vividas, da convivência experimentada cotidianamente. Neste sentido, quanto mais familiar a aquisição destes capitais valorizados no sistema escolar, mais facilmente são apagados os traços de sua gênese instaurando o discurso sobre o “dom das habilidades naturais” da pessoa. Ao sujeito oriundo das camadas populares, o acúmulo de capital escolar é potencialmente acompanhado da transmissão de capital social e cultural, acúmulo que se desvela, por exemplo, no prolongamento da trajetória escolar. Não obstante, quanto mais escolar a aquisição, mais pedante o modo de usar o conhecimento.

Portanto, para compreender a relação das famílias das elites às famílias das camadas populares com a escola, a noção de habitus conforme desenvolvida por Pierre Bourdieu é fundamental. O habitus permite estabelecer uma relação entre determinadas práticas e situações; circunscreve estas disposições permanentes incorporadas na internalização das estruturas sociais; disposições que afetam os diferentes campos da nossa atividade. No âmbito das instituições escolares as famílias das elites asseguram aos seus herdeiros espaços homogêneos de reprodução de seu habitus. A convivência com as diferenças é estimulada, conquanto se tenha a segurança do próprio lugar e da posição solidamente alicerçada no espaço social. Aos sujeitos oriundos das camadas populares, estas disposições inscritas nas práticas, no corpo, colocam problemas para a ilusão da mobilidade social através da escolarização: a objetivação de capital escolar e cultural através da obtenção dos títulos não configura jamais um processo total de incorporação plena de disposições. Para Bourdieu, neste processo histórico de confronto permanente às diferenças instaura-se uma clivagem, que diz respeito à percepção individual e subjetiva, mas também à incompatibilidade prática entre mundos sociais.

Se fosse possível estabelecer um continuum ao longo da história das ocupações das famílias das elites às famílias pobres com a instituição escolar, diríamos quase de uma dicotomia independência-dependência. Por muito tempo, para a formação de seus filhos, as famílias das elites prescindiram da instituição escolar e, à medida que estreitaram os seus laços com esta instituição, o fizeram participando ativamente da construção e modelação das instituições escolares quanto às práticas e valores reservados aos herdeiros. Por outra via, as famílias pobres dependem, pois, nestas famílias, a educação não corresponde a um programa amplo e consistente com objetivos racionais e explícitos, conforme indicou Bernard Lahire (2004), não há um projeto claro de escolarização de longo prazo. Na ausência de uma herança material e simbólica a perpetuar, os valores da classe operária que orientam a educação de seus filhos estão focados na produção da mudança em detrimento da reprodução, na mobilidade e não na tradição. No Brasil, a instrução formal e a titulação ocupam um lugar central em projetos de mobilidade social nos quais Viana (2000) observou a construção progressiva de práticas, sentidos e disposições.

Por fim, compreendemos que, na família incorporamos nossas primeiras impressões e interpretações sobre o mundo, o funcionamento das coisas e as artimanhas das relações. De nossos familiares herdamos não apenas afetos e talvez bens, mas, também, julgamentos e ambições. Ainda assim, cada um fará escolhas em seu percurso biográfico.